

# Rosas Brancas

LUIZZA MILCZANOWSKI

intransitiva  
• revista

HERANÇAS QUE RECEBEMOS, LEGADOS QUE DEIXAMOS (V. 5, N. 2, 2021)

# Rosas Brancas

Luizza Milczanowski —

Naquele dia, faltei à aula para te visitar. Aproveitei a manhã nublada e fria, o chuvisco que caía vez ou outra nas ruas vazias. Na entrada, os floristas ainda organizavam buquês, dispondo as flores em diferentes arranjos, a pele das mãos fincada pelo mapa do tempo. Não peguei nenhuma flor para você. Gesto vazio, depositar flores no concreto. Ultrapassei o portão e fui direto ao seu encontro. O caminho já marcado na memória das pernas, o odor floral ainda remanescente nas narinas. Ainda estava cedo para as borboletas e, com aquele tempo, era difícil ver o rastro de alguma. Uma pena, porque sei como você as amava, e eu, que tinha medo de insetos, passei a amá-las também. Vê-las é olhar para você. Amarelo, laranja e branco, em dança toda harmoniosa, corpinhos tão frágeis, efêmeros e, ainda assim, vibrantes diante da vida. O sino da igreja saltou no silêncio. Ser a única por ali me acalmava. Não gostava de aparecer aos domingos, quando vários idosos se punham a encher baldes, carregar flores, escovar, varrer e lavar. Eu me sentia invadida no meio de tantos corpos, ainda que nenhum se interessasse em mim. Só a solidão me permitia falar mais livremente com você. Não queria que ninguém tomasse conta das minhas andanças, de como eu parava, de tempos em tempos, para observar as amendoeiras e os gatos arredios. De como eu gostava de tomar um cafezinho na minha garrafa térmica. Sentia todos os olhares em mim, de desprezo pelo interesse genuíno nos detalhes, por beber e comer ali. Mas lá estava você, e te ver me deixava tão calma. Aquelas visitas me permitiam seguir o resto da semana. Sentei e abri minha mochila. Veja, te trouxe uma pedra bonita! As pedras não pareciam vazias como me pareciam as flores mortas. A pedra é pedra em qualquer ambiente, não foi arrancada de lugar algum. Você gostava de pedras também. Uma vez me disse abra a mão. Abri. Três linhas mais marcantes na palma, sendo a da vida, aquela curva, perto do dedão, tão longa, infinita, o que significava que eu ia viver muito. Nunca tive tempo de avaliar a sua linha da vida. Com a mão fechada, você colocou uma pedra quente, pequenina e vermelha na minha. Adivinha de onde veio essa! Não sei, respondi, e olhei seus olhos tão castanhos. O mundo estava na sua íris, e sei que sorriu: é do coliseu. Você tinha visitado Roma, é isso.

Beije a pedra quente do tempo em que esteve guardada no ninho da sua mão. Muito obrigada.

Esfreguei a pedra para aquecê-la e coloquei-a no seu túmulo. Essa não veio do coliseu, te expliquei, é de uma viagem que fiz no fim de semana. Eu te trouxe também uma concha. Um amigo biólogo me disse que não é bom retirar as conchas dos lugares, porque desequilibra o ecossistema ou algo assim, mas vi uma tão bonita e não resisti. Logo me lembrei de você. Se você encostar a concha no ouvido, pode ouvir o som das ondas se romperem no mar. Ao lado da pedra e da concha, uma borboleta de vidro vermelha. Estar ali era o meu momento favorito da semana, quando eu podia estar com você mais uma vez e conversar. Lágrimas quentes escorriam pelo nariz, ainda inconformadas com a dor do impossível. A morte é ter o que se ama na impossibilidade, no nunca mais. Sentada, eu chorava, com o corpo curvado sobre mim, quando senti, de súbito, uma mão no meu ombro. O peito na garganta, dei um pulo.

— Desculpe, eu não quis te assustar. Meu nome é Elias. Você está bem?

Era um homem de cerca de oitenta anos, magro e ombros curvos. Seu aspecto era tão idoso e inofensivo que não fiquei aborrecida. Por algum motivo, me senti bem e segura de tê-lo ali. É o meu amigo, eu disse, ele morreu no ano passado. Nunca entendi bem por quê. Nem perguntei, porque não quero aborrecê-lo. Ninguém entende por que continuo a vir, então deixo isso entre nós dois. As pessoas me dizem você ainda está de luto, menina. Elas me dizem para ser otimista, que vir aqui não faz bem. Não entendem. Fiz uma pausa para respirar. As palavras pingavam das costelas. Sabe, ele se matou, com uma corda. Não entendo. Era meu melhor amigo, e fui incapaz de perceber, de fazer algo, de evitar. Venho aqui muitas vezes e me pergunto no que falhei. Sinto tanto. Não entendo, não entendo. E ele não me diz. Penso que nunca vai me dizer. Por birra. Talvez, talvez, já pensei nisso, talvez ele também não saiba. Ele me deixou sozinha, para sempre. Isso me dá raiva. Não é justo ter raiva dele, sei disso, não é. Mas eu tenho. Raiva por ter me deixado aqui, de ter apenas ido embora, sem dizer nada, sem uma explicação. Tenho raiva dele e de mim.

Acabei por contar até coisas que não tinha coragem de contar para você. Sobre a culpa que eu sentia de não ter sido capaz de tê-lo vivo. O senhor me disse eu entendo, minha querida. Disse todas as coisas que eu já tinha ouvido de outras pessoas. Mas, pela primeira vez, eu me senti reconfortada.

Não diferia em nada, mas era algo que eu precisava ouvir naquele momento. Ele me disse que a esposa estava enterrada ali perto. Foi o câncer, esclareceu, e me falou sobre como ela gostava de assar biscoitos e de cuidar das plantas. Que eles se sentavam no quintal de casa, apenas os dois, e agiam como se fosse uma festa com petiscos e bebida, e riam. Ele me perguntou se eu não gostaria de ir até lá. Disse sim, claro. Antes de irmos, Elias tirou algumas rosas do buquê que carregava e as deixou no seu túmulo. Rosas brancas, lindas e solitárias, deitadas suavemente no mármore escuro. Elas pareciam suspirar e dormir um sono leve. Pareciam beijar e cantar através do perfume suave que emanavam na cama-túmulo, frágeis e honestas. Finalmente entendi a beleza daquela morte em outra morte que tanto me doía. Estou aqui, eu te amo.

Fomos até o túmulo da esposa. Era bem próximo do seu, um pouco mais adiante. As flores foram trocadas por Elias. Meu bem, ele murmurou, e continuou a me contar histórias sobre sua esposa. Eu ouvia e deixava as lágrimas e o sorriso livres, emocionada pelo amor daqueles dois. Quantas histórias não se escondiam em cada um dos pedaços de mármore e concreto daquele lugar.

Eu moro aqui perto. Venho para visitar minha Ana todos os dias. Consigo senti-la perto de mim. Conversamos. Eu a deixo atualizada, falo sobre nossa casa, sobre como cuido do jardim. Mal posso esperar para revê-la. E agora falta pouco, não é, meu bem,



e seus dedos percorriam o mármore como se dedilhassem no piano uma melodia que só podia ser ouvida pelos dois.

Foi então que observei o epitáfio de Ana e vi que ela estava morta há dezesseis anos.

Por fim, nós nos despedimos. Elias me disse que quando fosse ao cemitério, faria uma visita ao teu túmulo. Eu prometi que visitaria Ana sempre. Mantive minha promessa por anos e sei que ele também, porque quando ia te visitar, seu túmulo sempre sorria com flores coloridas. Comprei alguns vasos de suculenta e deixei no seu túmulo e no de Ana, além de pedras e conchas e as flores de Elias.

Depois, você sabe, precisei me mudar e passei a te visitar com menos frequência. Na minha última visita, não consegui encontrar o túmulo de Ana. Caminhava de um lado para o outro e nada. Comecei a entrar em pânico. Era verão, as amendoeiras espalharam muitas folhas e amêndoas pelo chão, e eu não conseguia encontrá-lo. Voltei até você e te contei que não sabia onde estava o túmulo dela. Senti no seu silêncio que precisava ter mais paciência, que Ana só podia estar escondida sob as folhas secas. Voltei e procurei com mais calma. Lá estava, no mesmo lugar de sempre. Mas era um novo túmulo – e Elias estava ali também.

## Sobre a autora

Autora de *O Diálogo* (Ed. Penalux), Luizza Milczanowski nasceu no Rio de Janeiro. Escreve poesia e prosa, participando de coletâneas e colaborando com diferentes revistas literárias. A Literatura é sua forma de estar e agir no mundo.